

LISBOA

REVISTA MUNICIPAL





LISBOA

revista municipal

ANO XLVII — 2.ª SÉRIE — N.º 15 — 1.º TRIMESTRE DE 1986 — NÚMERO AVULSO: 500\$00

DIRECTOR: ORLANDO
MARTINS CAPITÃO.
SUBDIRECTOR: FERNANDO
CASTELO BRANCO
ASSISTENTE TÉCNICO:
ALFREDO THEODORO

sumário

A JAZIDA DA IDADE DO BRONZE FINAL
DA TAPADA DA AJUDA • A AULA DO
COMÉRCIO DE LISBOA - I - ANTECEDENTES
• LISBOA DE OUTRORA - A RIBEIRA
DE ALCÂNTARA - DE BENFICA A CAMPOLIDE
• A ESTAÇÃO SUL E SUESTE - UMA OBRA
OLISIPONENSE À BEIRA DO TEJO • FORTE DE
SÃO JOÃO DE DEUS • LISBOA - NOTICIÁRIO

EDIÇÃO DA C. M. L. — D. S. C. C. — REPARTIÇÃO DE ACÇÃO CULTURAL
PALÁCIO DOS CORUCHÉUS — RUA ALBERTO DE OLIVEIRA — LISBOA — TELEFONE 76 62 68

Execução gráfica: Heska Portuguesa — Rua Elias Garcia, 27-A — Venda Nova — Amadora — 2000 ex.

A JAZIDA DA IDADE DO BRONZE FINAL DA TAPADA DA AJUDA

1 — INTRODUÇÃO

Em Julho de 1982 foi localizada, no perímetro da Tapada da Ajuda, uma estação pré-histórica, na sequência da abertura de extenso talude de escavação executado no âmbito da construção de um complexo desportivo da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. Face ao interesse da jazida, dela se deu imediato conhecimento ao Conselho Directivo daquele Instituto, bem como ao Departamento de

Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural (IPPC). Ao mesmo tempo, promoveu-se a recolha de material à superfície e no corte exposto, em que se baseou o estudo preliminar da jazida (2). No seguimento deste primeiro trabalho, continuado pela análise dos materiais entretanto recolhidos por técnicos do Departamento de Arqueologia do IPPC, a quem se agradece a sua cédência para estudo, realizaram-se duas campanhas de escavação, em 1983 e 1984, em cujos resultados se baseia este trabalho. Está prevista para o cor-

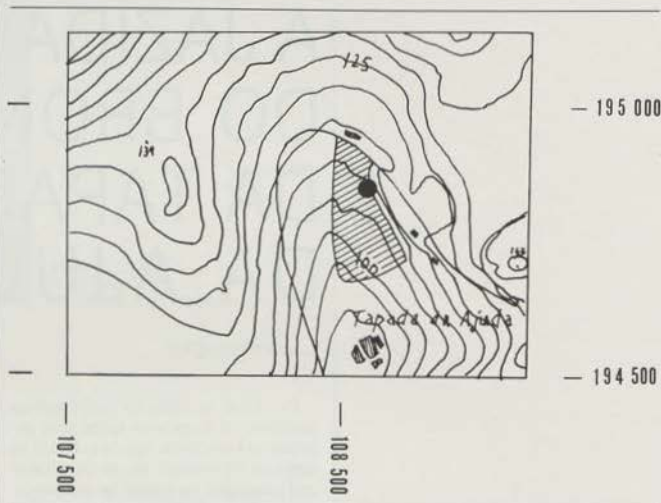
Foto 1

Aspecto da jazida na paisagem actual. O local da escavação situa-se ao centro, em segundo plano



Fig. 1

Área originalmente abrangida pela jazida da Idade do Bronze da Tapada da Ajuda, antes da sua parcial destruição. O círculo assinala o local onde se efectuou a escavação. Base topográfica: Carta do Concelho de Lisboa na escala de 1/10 000. Folha 3 (1978). Serviços Cartográficos do Exército. Lisboa



rente ano uma terceira campanha, finda a qual se fará a apresentação definitiva do estudo da estação.

2 — LOCALIZAÇÃO DA JAZIDA E TRABALHOS EFECTUADOS

A prospeção superficial revelou acentuada dispersão de materiais arqueológicos, mas infelizmente grande parte dessa área tinha sido prejudicada

pelas movimentações de terras antes efectuadas. As coordenadas GAUSS de ponto da jazida ainda não prejudicado, são as seguintes:

X = 108.075; Y = 197.770.

Os vestígios distribuem-se por área de contorno alongado (Fot. 1), entre os 100 m e os 115 m de altitude, assinalada na Fig. 1. Do ponto de vista geomorfológico, trata-se da encosta esquerda, com declive muito suave, de linha de



Foto 2
Vista parcial do corte I

água que terminava no estuário do Tejo, nas imediações da antiga praia da Junqueira. Do ponto de vista geológico, integra-se no Complexo Basáltico de Lisboa, cujos afloramentos, por alteração, originaram localmente horizonte pedológico pouco espesso, mas de boa qualidade, sendo intensamente agricultada até ao presente por culturas cereíferas.

A intervenção arqueológica incidiu na zona Nordeste da área atingida pela movimentação de terras, por ser onde melhor se evidenciavam restos arqueológicos, provenientes de camada seccionada pelo corte. Em 1983, a escavação consistiu na abertura de duas valas, orientadas paralelamente ao corte. Os trabalhos realizados em 1984, prolongaram para Norte a referida escavação, por ser desse lado que se observou a maior quantidade de vestígios. A área escavada ficou definida por rectângulo, com a área de 15 m², do qual ficaram por escavar 2 m², aqueles onde os vestígios mostravam concentração mais baixa (Fig. 2).

3 — ESTRATIGRAFIA E FASES DE OCUPAÇÃO

Os cortes estratigráficos efectuados, respectivamente, ao longo dos limites oriental e setentrional da área escavada (corte I e II), possibilitaram a observação da seguinte sequência, de cima para baixo (Fig. 3; Fot. 2 e 4):

C. 1 — terra vegetal, com cerâmicas modernas, correspondente a remeximentos (0,50 m);

C. 2 — camada arqueológica, constituída por abundante fauna malacológica, em geral muito fragmentada, de mistura com cerâmica, sílices e fauna mamalógica (0,40 m de potência máxima);

C. 3 — substrato geológico, subdividido em dois níveis: nv. 1 — horizonte constituído por grandes blocos basálticos, englobados em matriz argilosa; nv. 2 — tufo basálticos muito alterados e decompostos.

A análise desta sequência estratigráfica aponta para a existência de uma única camada arqueológica, constituída por detritos atribuíveis a restos de cozinha, acumulados em ligeira depressão pré-existente no terreno, conforme se mostra no corte I (Fig. 3). No corte II, perpendicular ao anterior, essa espessura é aproximadamente costente.

Fig. 2
Planta de pormenor, mostrando a situação da área escavada, em encosta de declive suave

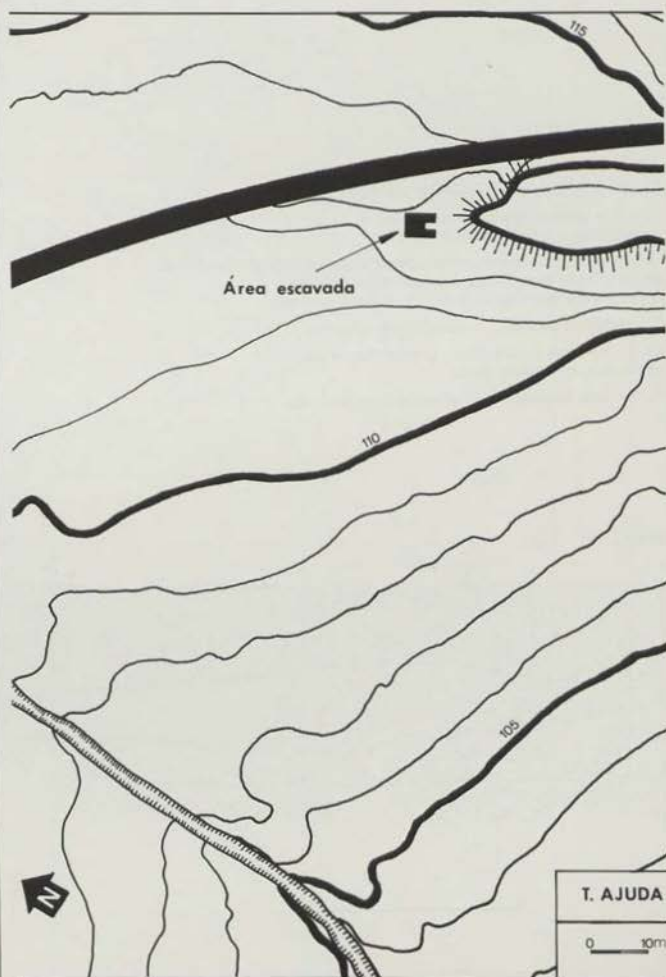


Fig. 4

Planta da área escavada, feita ao nível da antiga superfície topográfica, sobre a qual se efectuou a ocupação humana. No canto inferior esquerdo, o contorno a traço mais grosso define a estrutura de combustão encontrada

Fig. 3

Corte I, realizado ao longo do limite oriental da área escavada.

C₁ - terra vegetal, com cerâmicas modernas, correspondente a remeximentos (0,50 m);

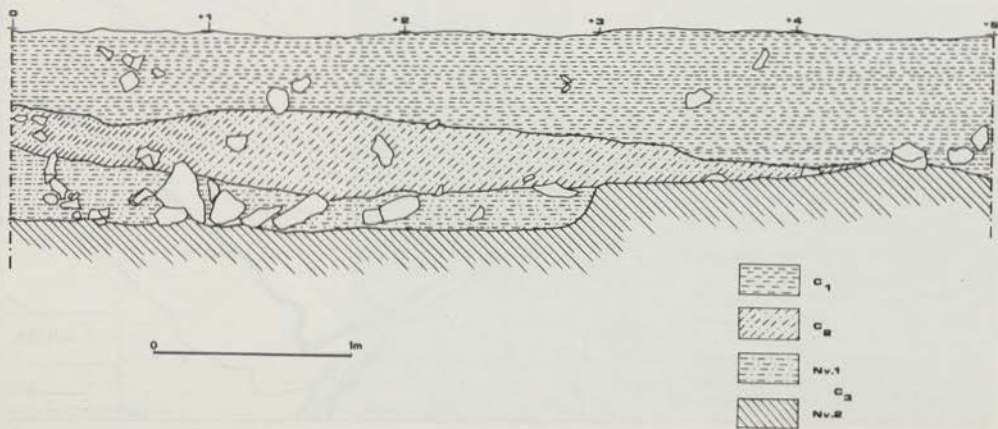
C₂ - camada arqueológica, constituída por abundante fauna malacológica, em geral muito fragmentada, de mistura com cerâmica, sílices e fauna mamalógica (0,40 m de potência máxima);

C₃ - substrato geológico, subdividido em dois níveis:

nv. 1 - horizonte constituído por grandes blocos basálticos, englobados em matriz argilosa;

nv. 2 - tufos basálticos muito alterados a decompostos

CORTE I



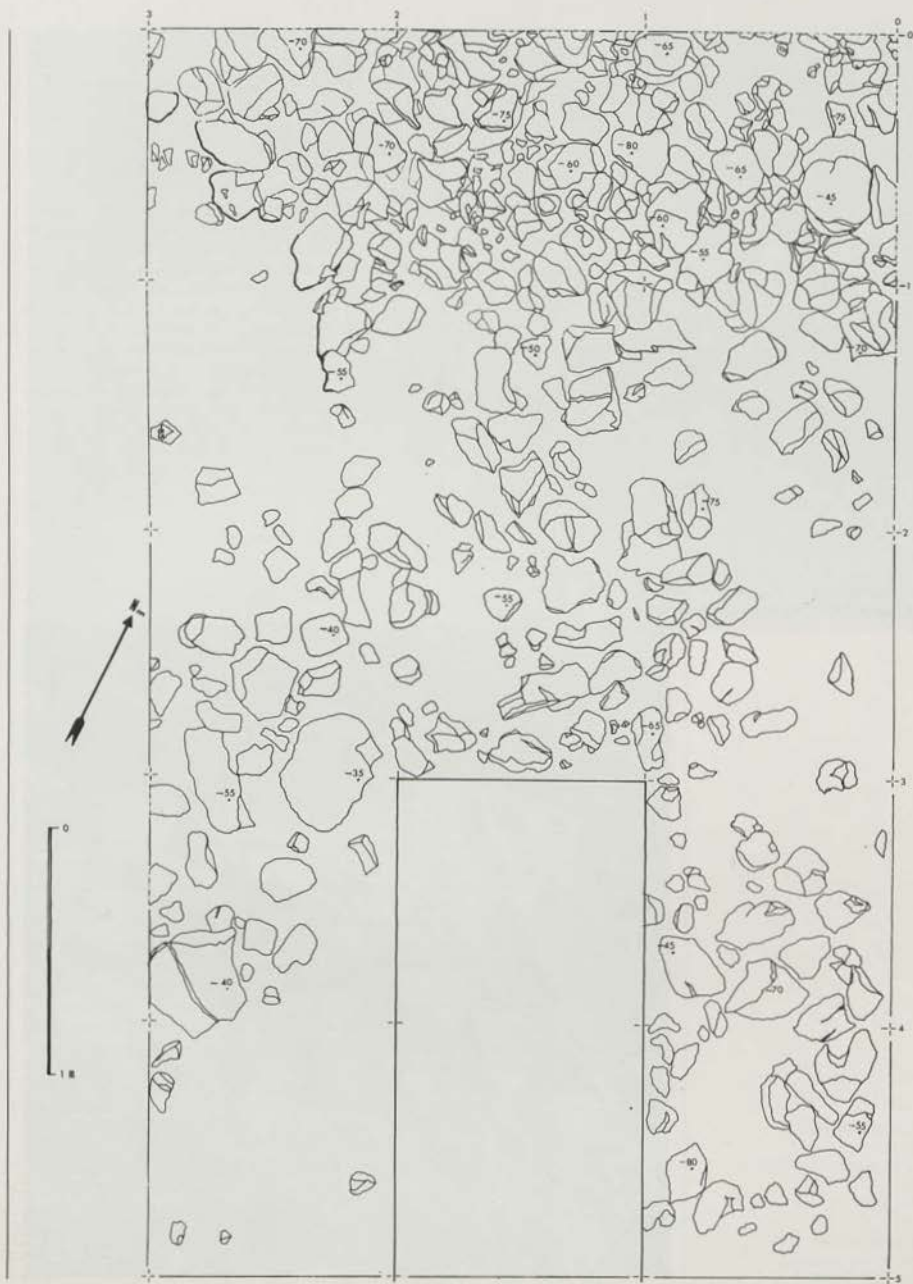


Foto 3

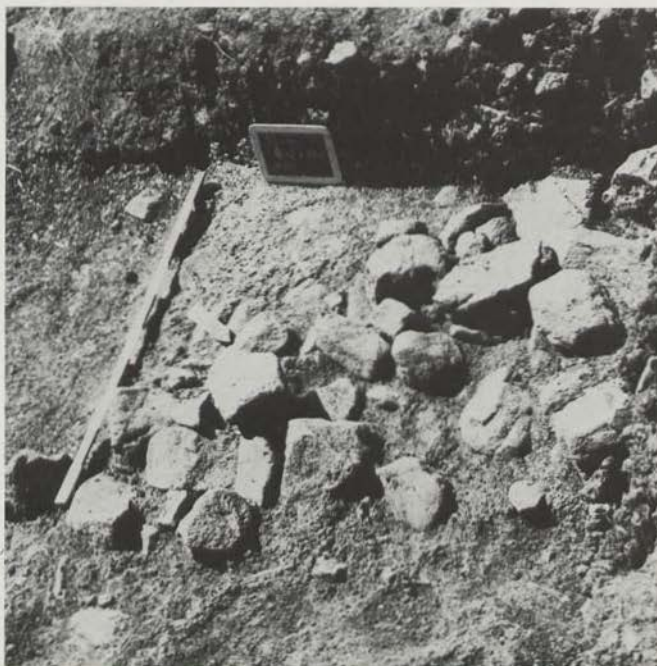
Pormenor da estrutura
de combustão

4 — ESTRUTURAS

Na campanha de 1983, admitiu-se a hipótese de existirem vestígios de estruturas pré-históricas na base da camada arqueológica, representadas por grandes blocos existentes no nv. 1 da C. 3. A campanha de 1984, permitiu precisar aquela hipótese. De facto, não se evidenciou a existência de alinhamentos intencionalmente dispostos, conforme mostra a planta da escavação (Fig. 4). Contudo, identificou-se, nesse mesmo nível, correspondente à antiga superfície topográfica, uma estrutura de combustão, parcialmente escavada, definida por blocos basálticos em segmento de círculo (Fig. 4), cujo interior se encontrava preenchido por cinzas, fragmentos de conchas e de cerâmica. A sua coloração esbranquiçada contrastava com a do nível onde se encontrava implantada (Fot. 3 e 4).

5 — ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Antes da realização dos trabalhos de escavação, uma das características da





jazida consistia na abundância, à superfície, de elementos de foice denticulados sobre lascas de sílex, bem conhecidos em jazidas desta época do sul de Portugal (?). Alguns exemplares, provenientes de recolhas superficiais, apresentam-se na Fig. 5. A sincronia destes artefactos com os materiais «in loco» foi imediatamente comprovada, por se terem logo recolhido exemplares nestas condições. A escavação limitou-se, assim, a confirmar a intensa actividade no talhe da pedra, a partir de blocos de sílex disponíveis localmente, evidenciada pela abundância de resíduos. Na Fig. 6, n.º 2 a 6, apresentam-se exemplares da escavação. O material cerâmico constitui importante elemento para a integração cronológico-cultural da estação. A densidade da distribuição espacial deste material, recolhido em ambas as campanhas, apresenta-se na Fig. 7. De um modo geral, evidenciaram-se as seguintes características:

- exclusividade do fabrico manual, embora as superfícies dos recipientes se mostrem em geral bem alisadas ou mesmo brunidas, para o que poderia servir o artefacto lítico representado na Fig. 6, n.º 1 (brunidor);

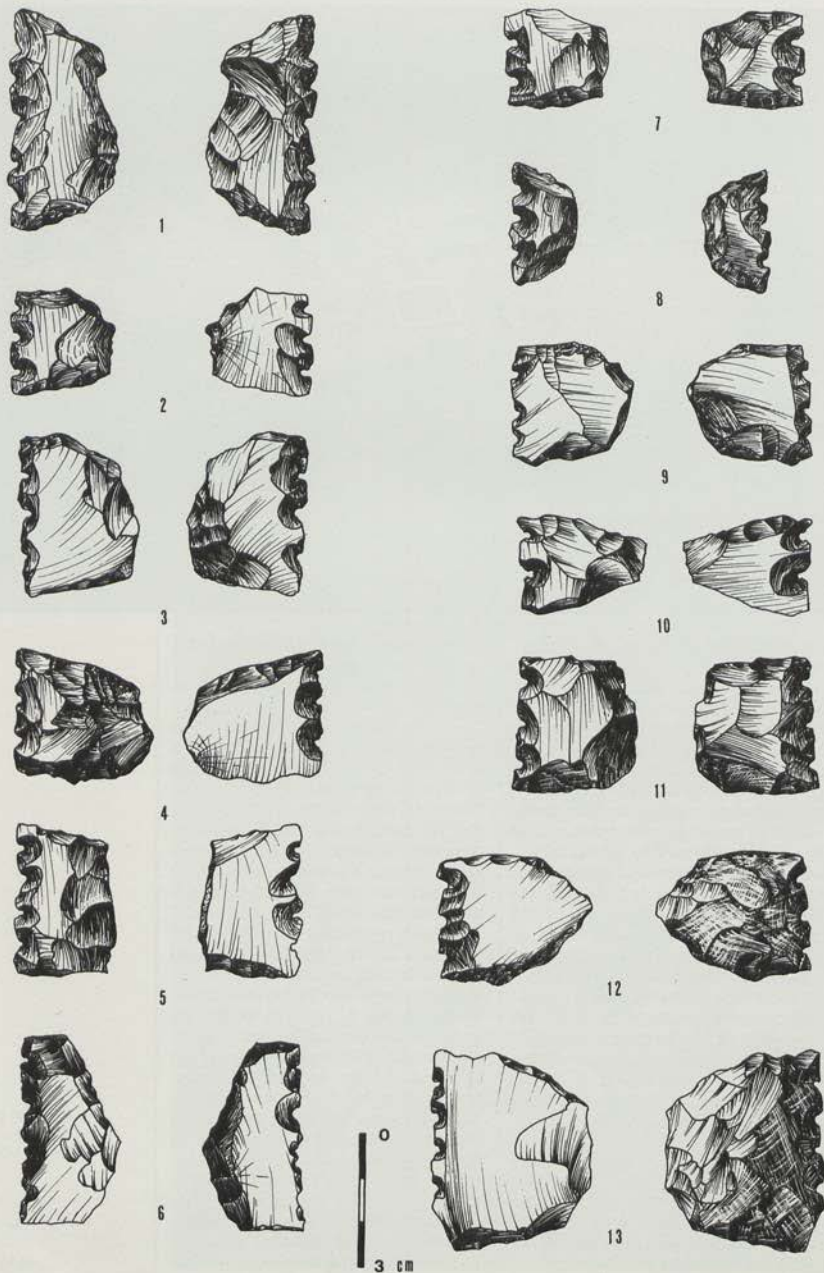
- predominância de pastas semi-compactas, grosseiras;
- grande variabilidade dos ambientes de cozedura;
- predominância de duas formas, as taças carenadas (em geral com carena alta — Fig. 8, n.º 2 e 4) e os vasos altos com parede reentrante e bordo ligeiramente extrovertido (fig. 8, n.º 5, 6 e 7; Fig. 9). Identificou-se ainda uma forma de grandes dimensões (Fig. 8, n.º 3), por vezes atribuída a «vasos de provisões»; de mencionar ainda um vaso pequeno com colo incipiente (Fig. 8, n.º 1).

No que respeita à cerâmica decorada, há a assinalar apenas a existência de dois motivos decorativos: o denteado, no bordo de vasos altos com parede reentrante (Fig. 8, n.º 5 e 6), obtido pela impressão de espátula na pasta fresca; e o efectuado pela impressão de estilete de secção circular, segundo alinhamento paralelo ao bordo de vasos de tipologia idêntica aos decorados pelo motivo anterior (fig. 8, n.º 7). Deve referir-se também a existência de mamilos decorativos, situados na carena de algumas taças;

- no que respeita a modos de preparação, conhecem-se pequenas asas, partindo do bordo (Fig. 9), pegas perfura-

Foto 4
Vista geral da parte setentrional da zona escavada, podendo observar-se a concentração de grandes blocos, sobre os quais assenta o nível arqueológico, de coloração esbranquiçada, conferida pelos restos, muito esmagados, de conchas

Fig. 5
Elementos de foice
denticulados,
recolhidos
à superfície
antes da realização
dos trabalhos



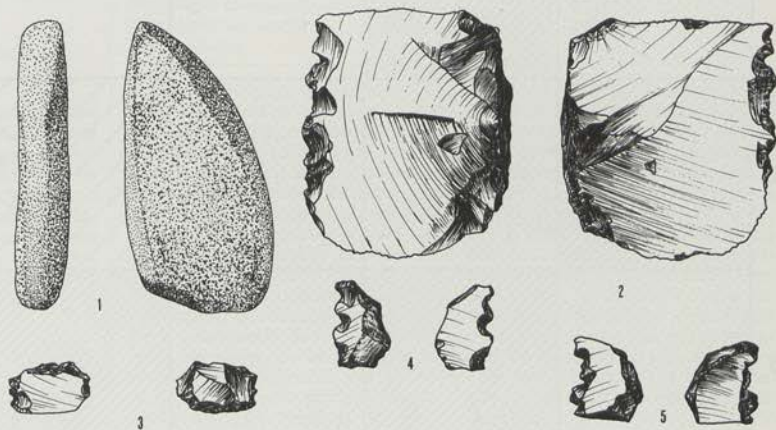


Fig. 6

1 – Possível brunidor
de cerâmica
de quartzito ($\times 0,71$);

2 a 5 – Elementos de foice
denticulados,
recolhidos na escavação ($\times 0,71$);

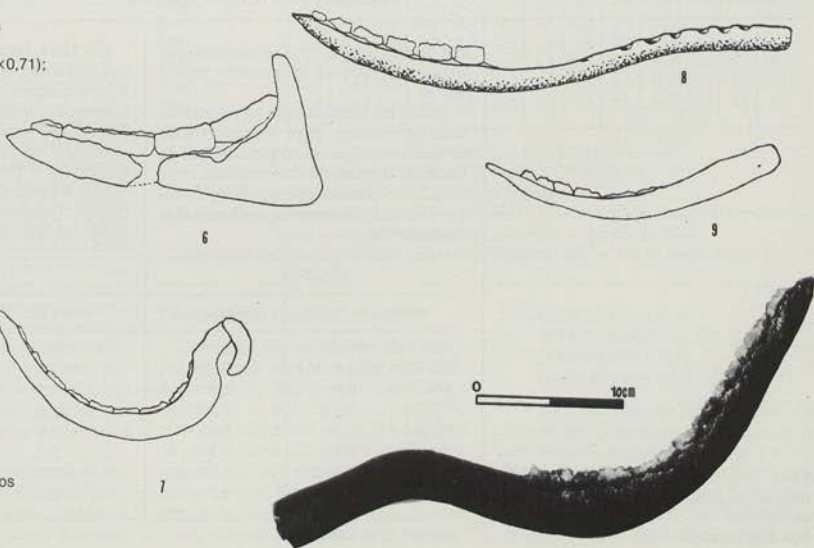
6 a 9 – Modelos de foices
pré-históricas,
com elementos de sílex
montados em cabos
de madeira:

6 – Solferino (Itália);
7 – Hemaka (Egipto);
8 – Alcoy (Espanha);
9 – Karanovo (Bulgária).

In Paço, A. do (1964)
– Castro de Vila Nova
de S. Pedro.

XIV – Vida Económica.
Anais da
Academia Portuguesa
da História,
Série II, Vol. XIV.
Lisboa;

10 – Reconstituição
de foice pré-histórica,
com elementos denticulados
provenientes
da Tapada da Ajuda,
fixados com resina



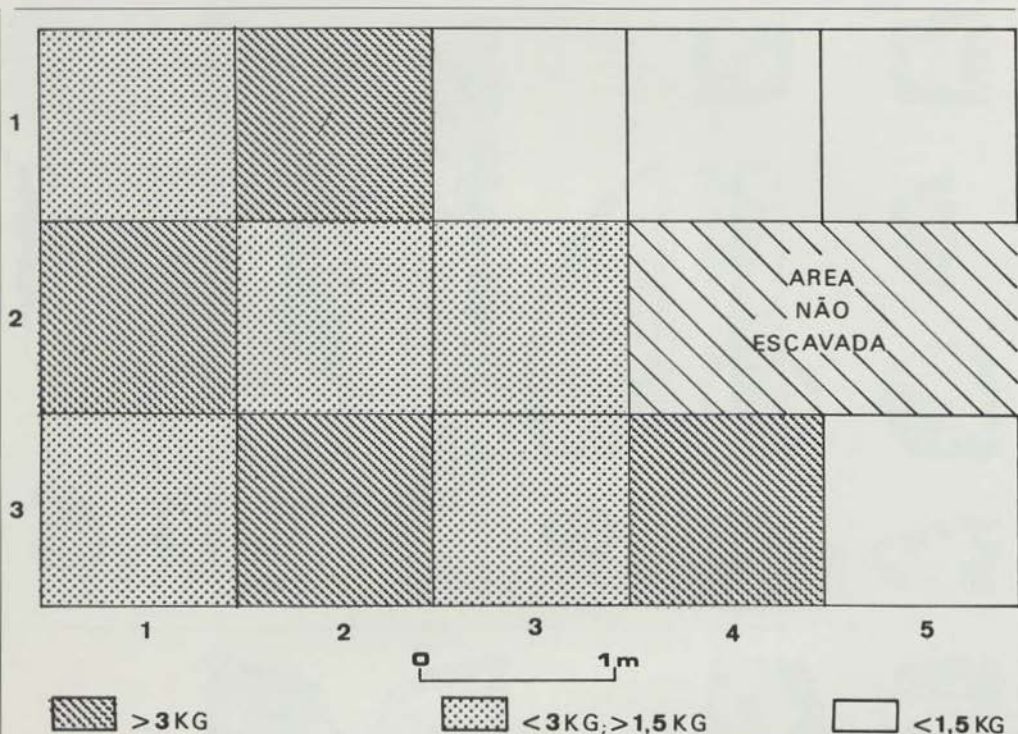


Fig. 7
Distribuição da densidade
da cerâmica,
pela área escavada

das ou não (Fig. 8, n.º 3) e mamilos, por vezes aos pares e igualmente perfurados.

Tendo em consideração as características apontadas, deve incluir-se este conjunto homogêneo no período final da Idade do Bronze; não se recolheu, contudo, um único fragmento de cerâmica com decoração brunida, característica deste período.

Em 1984, recolheram-se dois objectivos metálicos, uma escória de fundição e uma pequena argola. A análise por fluorescência de raios X, efectuada no Centro de Física Nuclear (INIC) da Universidade de Lisboa pelo Prof. F. Bragança Gil e Dr.ª Filomena Guerra em quatro e sete pontos diferentes de cada objecto (respectivamente escória e argola), deu os seguintes resultados:

ESCÓRIA		ARGOLA		
média lado A	média lado B	média lado A	média lado B	
Cu	69,0	63,1	55,7	59,7
Sn	24,1	22,5	19,0	23,3
Pb	0,4	0,3	1,2	0,9
Fe	5,7	7,6 *	12,6	9,9
Ni	0,2	3,5	6,5	—
As	0,5	0,7	2,1	2,9
Ag	0,1	0,09	0,9	1,0
Sb	0,1	0,2	2,0	2,0

* apenas uma análise

Os valores obtidos para os diversos elementos presentes, indicam tratar-se de ligas bronzíferas, com elevadas percentagens de estanho, compatíveis em ambos os objectivos. Saliente-se, todavia, a acentuada falta de homogeneidade das ligas, pelo menos à superfície.

5 — FAUNA MALACOLÓGICA E MAMALÓGICA

O local escavado corresponde, como se referiu, a depósito de acumulação de detritos de alimentação (restos de cozinha), particularmente evidenciados pelos fragmentos de conchas, que dão à camada arqueológica uma coloração esbranquiçada. Pelo contrário, os restos mamalógicos são muito mais reduzidos. No que respeita àqueles, identificaram-se as seguintes espécies (*):

Patella athletica (lapa);
Patella lusitânica (lapa);
Trochocochelea lineata;
Nassa reticulata nitida;
Ostrea edulis (ostra);
Mytilus edulis (mexilhão);
Venus verrucosa;
Pecten maximus (vieira);
Chlamys varia;
Ruditapes decussatus (ameijoia).

A distribuição percentual destas espécies, apresenta-se na Fig. 10.

No conjunto, trata-se de fauna compatível com as condições da embocadura do rio Tejo, embora a presença significativa de ostras possa apontar para a prática de recolheção mais a montante, em pleno estuário a menos que fossem recolhidas em hipotética enseada existente junto da confluência com o Tejo, de curso de água adjacente. Das espécies essencialmente marinhas, umas requerem fundos de areia vasosa, como a ameijoia e a vieira, outras substratos rochosos, como a lapa e o mexilhão, que certamente existiriam ao longo da antiga linha de costa, na margem Norte da embocadura do Tejo, entre Alcântara e Belém.

De acordo com a classificação da fauna, efectuada pelo Prof. M. Telles Antunes, da Universidade Nova de Lisboa, estão presentes as seguintes espécies:

Espécies	Número mínimo de indivíduos
<i>Ovis aries</i> (ovelha).....	4 (3 jovens e 1 adulto)
<i>Bos taurus</i> (boi).....	3 (adulto)
<i>Sus domesticus</i> (porco).....	1 (subadulto)
<i>Canis cf. familiaris</i> (cão).....	1 (adulto)
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	1 (adulto)
<i>Cervus elaphus</i> (veado).....	1 (adulto)
<i>Bufo</i> sp. (sapo).....	1

A conclusão geral que se obtém é a de que se trata de associação pouco diversificada, primordialmente constituída por espécies domésticas: gado ovino e bovino, sobretudo; à existência de rebanhos não será, por certo, estranha, a presença do cão. A caça desempenhava um papel muito secundário na alimentação, facto talvez devido por um lado à sua escassez relacionada com a degradação dos recursos e por outro à estabilidade da fixação humana. Com efeito, de acordo com as observações efectuadas por M. Almagro Gorbea no importante povoado de Medellin (Badajoz) (*), o aumento da percentagem do gado bo-

vino (que, embora representado na jazida da Tapada da Ajuda por um número de indivíduos inferior ao do gado ovino, devia ocupar, em termos de peso de carne consumida, o primeiro lugar) sobre os ovicaprinos e em especial sobre os suínos e sobre a caça, indica uma tendência para formas de alimentação mais estáveis e melhor organizadas. Sem esquecer a nitida insuficiência numérica dos resultados disponíveis de momento, para que sejam representativos, considera-se de algum interesse, no entanto, a apresentação conjunta com os obtidos noutras jazidas do Bronze final e da Idade do Ferro da Península:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
Boi	43,7	32,5	48,8	57,5	26,4	52,8	48,4	6,7	23,1	31,8	23,2	18,6	27,3
Ovelha e Cabra	27,5	45,1	23,7	10,6	32,0	24,8	42,8	41,7	50,8	44,9	58,1	47,4	36,4
Porco	9,5	13,8	24,9	7,9	12,9	4,9	5,6	8,5	13,0	14,8	4,6	11,8	9,1
Cavalo	0,6	0,3	0,0	11,5	0,7	0,7	0,4	0,2	9,8	4,3	2,3	1,7	0,0
Burro	0,0	0,0	0,0	0,0	2,4	0,0	0,0	10,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Cão	2,8	0,1	0,0	7,0	1,1	0,0	0,8	3,8	0,0	0,0	2,3	5,0	9,1
Veado	10,6	3,0	1,8	6,1	11,3	13,6	0,5	27,1	3,3	4,2	9,3	15,3	9,1
Javali, etc.	3,5	2,5	0,0	0,0	5,7	1,4	1,1	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	9,1*
Aves	0,6	2,0	0,5	0,0	0,6	0,0	0,0	0,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Tartessico: A — Medellin; B — Carambolo alto; C — Carambolo baixo;

D — Evora; E — Cabezo de S. Pedro; F — Saladares.

Fenicio: G — Toscanos; H — Cerro de la Tortuga.

Bronze Final: I — Monachil (III-IV); J — Purullena; K — Ecce Homo (total das «montureiras»); L — Ecce Homo (total da jazida); M — Tapada da Ajuda.

* Neste grupo, foi integrado o coelho, partindo do princípio de que se trata de coelho bravo.

7 — OUTROS RESTOS

Elementos acerca da cobertura florística existente na época, são escassos, de momento. Refira-se, no entanto, a existência de um fragmento cerâmico com uma impressão de página superior de uma folha de zambujeiro — *Olea europaea ssp. sylvestris*, em estado epinescente (Fot. 5). Esta subespécie corresponde, na verdade, à flora primitiva dos arredores de Lisboa.

7 — CARACTERÍSTICAS DO POVOAMENTO NA IDADE DO BRONZE FINAL, NA PENÍNSULA DE LISBOA

A situação geral da jazida, antes da sua parcial destruição, correspondia a área externa, em encosta suave e fértil, sem condições naturais de defesa, junto de curso de água e em fácil comunicação com o estuário do Tejo. Nesta zona de solos férteis, fixou-se o homem, em

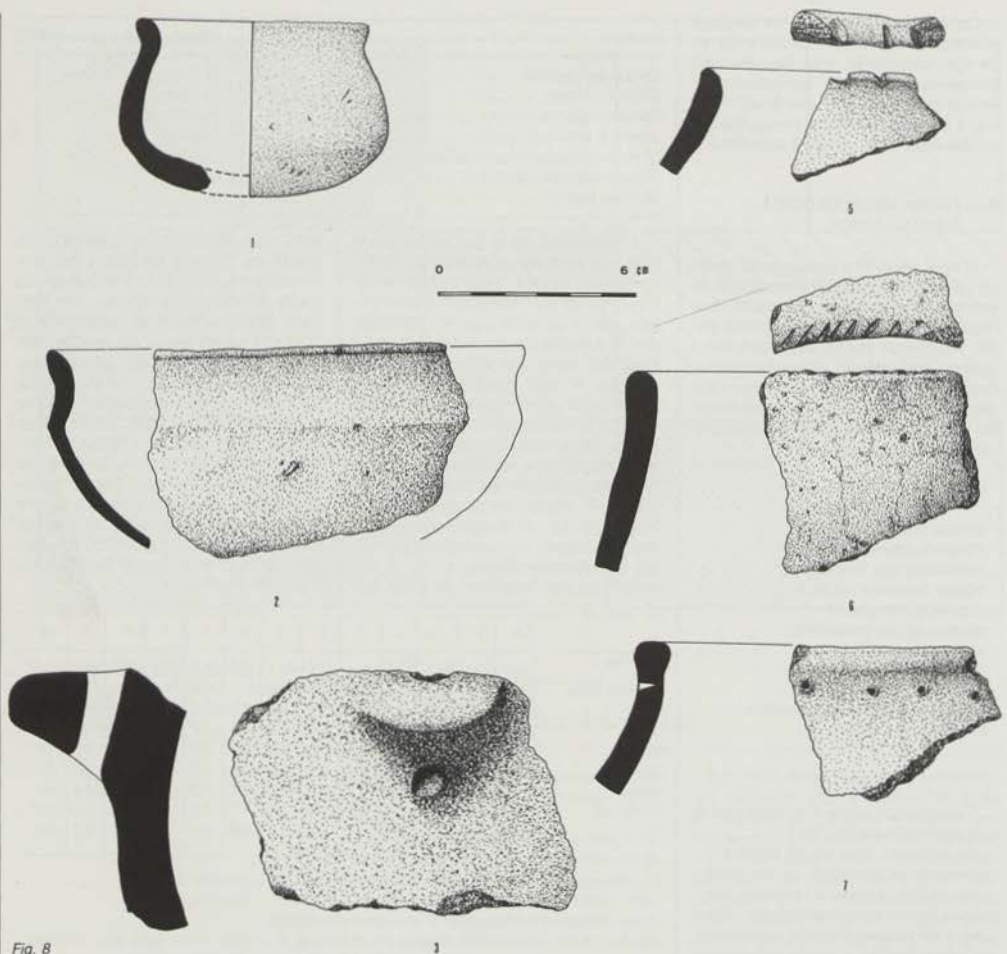


Fig. 8
 Cerâmicas recolhidas
 na escavação:

- 1 - Pequeno vaso
de colo incipiente;
- 2 e 4 - Taças de carena alta;
- 3 - Bojo de grande
«vaso de provisões»,
com pega perfurada;
- 5 e 6 - Bordos de vasos
com decoração denteada
sobre o lábio;
- 7 - Bordo de vaso
com decoração impressa
de estilete,
na pasta fresca

pequenos núcleos habitacionais, correspondentes provavelmente a pequenas unidades agrícolas do tipo «granja». As relações entre estes diversos núcleos deveriam ser intensas, dada a sua proximidade.

Ao contrário do verificado em jazidas coevas, do litoral baixo alentejano e algarvio, como a de Cerradinha — Santiago do Cacém (7) e a de Pontes de Marchil — Faro (8), parece bem documentada a sedentarização da população. Além de uma prática intensiva da agricultura, sem dúvida aspecto frisante da economia, se se atender aos numerosíssimos elementos de foice recolhidos, a subsistência era assegurada pela criação de gado bovino, ovino e suíno e ainda pela recollecção de marisco na zona do estuário do Tejo. Trata-se, portanto, de uma alimentação rica e completa, incompatível com estacionamento sazonal e temporário. A este povoamento permanente e pacífico, e intenso, que os numerosos «casais agrícolas» ou «granjas» disseminadas pela baixa península de Lisboa bem documentam (7), poderia corresponder um modelo de sociedade de poder centralizado, que a administraria, a partir de um determinado centro «urbano», à semelhança do preconizado para o Baixo Alentejo (8). Também R. Parreira perfilha esta hipótese, ao admitir, para a citada região, que o desenvolvimento de povoados de altura «como centros políticos e económicos de uma população dispersa em pequenos povoados nos arredores, parece ter-se dado, no entanto, apenas no final da Idade do Bronze...» (9). Para F. Kalb (10), o acentuado povoamento da Estremadura, neste período, deve residir no comércio externo e interno e não nas riquezas minerais que esta região, ao contrário do Norte do país e do interior alentejano, não possuía, para além da boa qualidade dos solos e do clima.

Por outro lado, a escavação desta jazida veio trazer novos elementos acerca da organização do espaço no seio duma daquelas unidades habitacionais. Tratava-se possivelmente de uma habitação feita em materiais perecíveis, embora de tipologia desconhecida, construída na própria área de acumulação dos detritos alimentares produzidos, aproveitando uma depressão pré-existente no terreno. Tal proximidade é indicada não só pela situação da estrutura de combustão identificada, mas também pelo frequente esmagamento «in loco» dos detritos, devido ao pisoteamento. Estas obser-

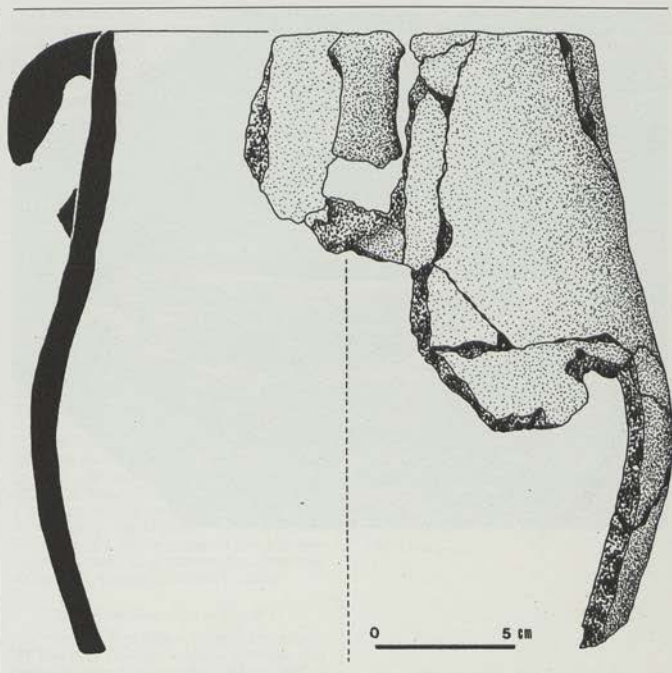


Fig. 9
Grande vaso,
com asa sobre o bordo 15



vações encontram paralelo em Pontes de Marchil (13).

8 — ASPECTOS CRONOLÓGICOS

A atribuição à Idade do Bronze final da jazida da Tapada da Ajuda, teve em consideração, sobretudo, a tipologia da cerâmica encontrada. Com efeito, as formas identificadas possuem abundantes correspondências não só na Estremadura (12), mas também no centro e norte do país, em jazidas atribuídas ao Bronze final (13). Da mesma forma, um dos motivos decorativos encontra paralelo, embora não totalmente coincidente, na decoração de bilha proveniente de Runa (14).

A completa ausência da característica cerâmica com decoração brunida, ou em retícula brunida (15), vem colocar a questão desta poder representar um fácies (com ou sem significado cronológico) dentro do Bronze final. Na actual fase de conhecimentos, para as jazidas portuguesas, tal resposta é impossível, tendo em conta os escassos elementos estratigráficos disponíveis e a ausência de estudos estatísticos da cerâmica. Recorde-se, todavia, que tal questão não é nova, visto já em 1980 Tejera Gaspar ter considerado, na região do Baixo Guadalquivir, a existência de um Bronze final inicial sem cerâmicas com decoração brunida (16). De igual forma Pellicer Catalan (17) subdivide o Bronze final na Andaluzia ocidental em duas fases, a mais antiga abrangendo os séc. XI-X a. C., atingindo a mais recente os meados do séc. VIII a. C., altura em que se processam os primeiros contactos com colonizadores vindos da região oriental do Mediterrâneo. Este curto período, designado por «Orientalizante antigo», corresponde ao auge de produção das cerâmicas com decoração em retícula brunida. Contudo, de acordo com este autor, tal técnica tem raízes no Calcolítico da região, observando-se, com crescente abundância, desde a fase inicial da Idade do Bronze final. Outros autores, como Schubart (18), admitem uma filiação tipológica das taças carenadas deste período em exemplares calcolíticos, atribuindo os motivos e técnica decorativa a influências mediterrânicas, nomeadamente da Sardenha, ilha com a qual, no princípio do I milénio a. C., a região do baixo Tejo possuía relações evidentes (19). Discutindo as relações entre o grupo da cerâmica com

Foto 5

Pormenor da impressão de folha de zambujeiro, em fragmento cerâmico

decoreção brunida do baixo Tejo, e o do baixo Guadalquivir, este autor admite a hipótese, embora baseado em critérios tipológicos talvez escassos⁽²⁾, daquele ser anterior a este. O aparecimento posterior de uma fibula de espiral simples, no monumento da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), associada a um grande vaso com decorção brunida, vem em reforço desta hipótese se atendermos a que aquele tipo é característico da fase Pantalica II, séc. XI-X a. C.⁽³⁾

Em conclusão, se o limite inferior cronológico da jazida da Tapada da Ajuda, embora imprecisamente, se situa cerca do séc. XI-X a. C., o respectivo limite superior, graças a trabalhos de escavação recentes, encontra-se melhor definido. Em local situado nesta região, perto da povoação de Outurela, foi possível caracterizar uma ocupação de cujo espólio se encontrava praticamente ausente a cerâmica de fabrico manual (exclusiva na Tapada da Ajuda), mas com cerâmica pintada de bandas, cerâmicas cinzentas finas e ânforas fenícias. Esta ocupação é paralelizável com a Fase III do Castelo de Alcácer do Sal, que remonta ao séc. VII-VI a. C.⁽⁴⁾ Este resultado vem corroborar as observações estratigráficas efectuadas na jazida dos Moinhos da Atalaia (Amadora), único local onde, na península de Lisboa, foi possível observar os dois horizontes sobrepostos, embora não se sabendo se separados por período de abandono⁽⁵⁾. Importa, pois, na sequência destas primeiras escavações, promover a inventariação dos locais com cerâmicas do Bronze final e do Ferro inicial das penínsulas de Lisboa e de Setúbal e a investigação exaustiva dos que oferecerem maior interesse. Trata-se de tarefa de inegável interesse, tornada urgente pela destruição, nestes últimos anos, de um número significativo de vestígios, face à rápida expansão das zonas suburbanas em torno da capital.

A finalizar este trabalho, os autores desejam agradecer aos Drs. C. Tavares da Silva e J. Soares a leitura crítica do original, à Dr.ª P. Kalb a oferta de bibliografia relativa a escavações que tem dirigido, com M. Hock, em jazidas integradas no mesmo período cronológico-cultural, e ainda à Dr.ª S. Simões Salvado, pelo apoio inequívoco que quis conceder à preparação deste trabalho para a Revista Municipal.

(2) Cardoso, J. L.; Roque, J.; Peixoto, F. e Freitas, F. (1980/81) — Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, Vol. VI-VII. Edição do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

(3) Classificação dos Doutores G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, a quem muito se agradece.

(4) Almagro Gorbea, M. (1977) — El Bronce final y el Periodo Orientalizante en Extremadura. *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, Vol. XIV. Madrid.

(5) Tavares da Silva, C. e Soares, J. (1978) — Uma jazida do Bronze final na Cerradilha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, Vol. IV. Edição do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

(6) Pinho Monteiro, J. (1980) — O acampamento do Bronze final das Pontes de Marchil. In *Descobertas arqueológicas no sul de Portugal*. Ed. do Centro de História das Universidades de Lisboa e do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

(7) Marques, G. e Andrade, G. M. (1974) — Aspectos da Proto-história do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I. Porto. — Pinto, C. Vaz e Parreira, R. (1978) — Contribuição para o estudo do Bronze final e do Ferro inicial a Norte do estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Vol. I. Lisboa.

(8) Tavares da Silva, C. et al. (op. cit.).

(9) Parreira, R. (1983) — O cerro dos castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. O *Arqueólogo Português*, Série IV, Vol. I. Lisboa.

(10) Kalb, P. (1980) — O «Bronze Atlântico» em Portugal. Sep. das *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães.

(11) Pinho Monteiro, J. (op. cit.).

(12) Spindler, K.; Castello Branco, A.; Zbyszewski, G. e Veiga Ferreira, O. da (1973/74) — Le monument à coupole de l'Âge du Bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. LVII. Lisboa.

(13) Kalb, P. e Hock, M. (1985) — Cerâmica da Senhora da Guia, Baiões e peças comparáveis do Sul de Portugal. Suplemento ao Catálogo «Cerâmica de Alpiarça», editado pelo Grupo de Amigos do Museu de Grão Vasco em Viseu, em colaboração com o Instituto Arqueológico Alemão em Lisboa.

(14) Spindler, K. et al. (op. cit.). Nas escavações de 1986 na vizinha jazida da 1.ª Idade do Ferro de Outurela, também se encontraram bordos de vasos com decoração denteada, idênticos a exemplares de Santa Olaia.

(15) Na Andaluzia ocidental, trata-se de técnica decorativa aplicada no interior de taças carenadas. Em Portugal, ocorre em recipientes de tipologia muito variada e na face externa destes. Tal facto motivou a criação de um grupo próprio, a partir da designação da jazida onde pela primeira vez foi correctamente caracterizado — «cerâmica tipo Lapa do Fumo» (in Almagro Gorbea, M., op. cit.).

(1) Endereço do primeiro dos signatários: Rua 23, n.º 13. Bairro da Encarnação-1800 LISBOA

Fig. 10
Diagrama de distribuição da fauna malacológica, por espécies

(¹⁵) Tejera Gaspar, a. 1980) — El Bronce final del bajo Guadalquivir y su problemática. Huelva Arqueológica, Vol. IV.

(¹⁷) Pellicer Catalan, M. (1983) — Hacia una periodización del bronce final en Andalucía occidental. Huelva Arqueológica, Vol. VI.

(¹⁸) Schubart, H. (1971) — Acerca de la cerámica del bronce tardío en el Sur y Oeste peninsular. Trabajos de Prehistoria, N. S., n.º 28. Madrid.

(¹⁹) Schubart, H. op. cit.

(²⁰) Este autor considera três zonas de distribuição para a cerâmica do Bronze final: o baixo Tejo, o baixo Guadalquivir e uma zona intermédia.

O 1.º grupo, poderia ser anterior ao segundo, de acordo com certos argumentos tipológicos, dos quais aquele a que parece atribuir maior importância se baseia nas cerâmicas encontradas na Gruta do Vimeiro (Macoira), representadas na Fig. 8 (a-d) daquele trabalho.

(²¹) Spindler, K. et al. (op. cit.).

(²²) Tavares da Silva, C.; Beirão, C. de Mello; Ferrer Dias, L. e Coelho-Soares, A. (1980/81) — Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). Setúbal Arqueológica, Vol. VI-VII. Edição do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

(²³) Pinto, C. Vaz e Parreira, R. (1978) — op. cit., nota 7.

